

A LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Mestranda Elisângela da Silva Santosⁱ (UNESP)

Resumo:

Nossa proposta visa analisar sociologicamente aspectos da literatura lobatiana. Partindo do pressuposto inicial de que este autor demonstra muitas vezes em seu texto uma escrita ambígua, onde características arcaicas e modernas da sociedade brasileira parecem ressoar, resgatamos o sentido de cisão, em Georg Lukács no livro intitulado, A Teoria do Romance, como uma possível chave explicativa desta ambigüidade inerente à obra de Lobato. Apesar dos livros de literatura infantil deste escritor não constituírem a rigor romances, acreditamos que muitas peculiaridades dos heróis romanescos também aparecem nos pequenos heróis de Lobato.

Palavras-chave: Literatura, modernização, projeto nacional, Monteiro Lobato.

Introdução

Monteiro Lobato iniciou sua produção literária no início do século XX, sua proposta era oferecer às crianças uma literatura diferenciada daquela que os jovens leitores tinham disponíveis, como as adaptações de clássicos europeus. Além disso, por ter se dedicado de forma extensa ao público adulto, se sentia conforme seus depoimentos, desiludido com a literatura adulta, já que, segundo entendia, o público leitor deste gênero, não era mais capaz de aprender nada e nem fazer nada pelo país, as crianças sim seriam capazes de construir um futuro melhor para o Brasil.

Os livros infantis de Lobato, a rigor, não caracterizam romances, que conforme Georg Lukács (2000), em *A Teoria do Romance*, é entendido como a forma artística da modernidade, uma vez que nesta temporalidade o homem perdeu a harmonia com a natureza, criando uma dissonância entre alma e a pátria, ou o mundo. O Helenismo era o período que marcava uma “cultura fechada”, onde os homens não conheciam o caos, nem as perguntas, apenas as respostas: “É um mundo homogêneo, e tampouco a separação entre homem e mundo, entre eu e tu é capaz de perturbar sua homogeneidade” (LUKÁCS, 2003, p. 29).

O homem moderno não pode mais respirar num “mundo fechado” como o grego, a harmonia perfeita foi substituída pela cisão, perdeu-se a totalidade espontânea do ser. Comentando a citada obra de Lukács, Terry Eagleton sintetiza:

O romance surge quando essa integração harmoniosa do homem no seu mundo é destruída; o herói de ficção está agora em busca de uma totalidade, tornando estranho a um mundo que ou é demasiado largo ou demasiado estreito para dar forma aos seus desejos. Obcecada pela disparidade entre realidade empírica e um absoluto desaparecido, a forma do romance é tipicamente irônica; é a epopéia de um mundo abandonado por Deus (EAGLETON, 1978, 43).

A literatura infantil de Lobato é consolidada numa paisagem rural, com ares bucólicos. Em seu primeiro livro da série O Sítio do Picapau Amarelo, intitulado *Reinações de Narizinho e O Saci*, ambos de 1921, a narrativa nos descreve que em uma casinha branca, cercada de árvores e riachos, vive uma senhora de mais de sessenta anos, sua encantadora neta Lúcia e Tia Nastácia, a criada da casa.

Aos poucos percebemos que o aparente sossego de uma “cultura fechada” que cerca o sítio de Dona Benta é quebrado, pois os habitantes colocam questões mais profundas do que este pequeno ciclo que nos é apresentado inicialmente.

A obra infantil lobatiana pode ser interpretada como uma tentativa desesperada em mostrar e assumir o *status* de modernidade que compõe o cenário de sua narrativa, porém suas personagens não são, a rigor, heróis romanescos, pois a história que lhe serviu de fundamento para a composição de seus livros não era moderna, e por isso não poderia oferecer o sentimento de “mundo cindido”, como no romance.

A nossa proposta neste texto é trabalhar nesta perspectiva de Lukács no que concerne à idéia de cisão na obra de Monteiro Lobato. A questão principal a ser colocada é se a ruptura entre alma e mundo é característica das personagens infantis deste autor, e se sim, como está problemática é colocada e ao mesmo tempo solucionada.

Tentaremos demonstrar como a escrita lobatiana oscila o tempo todo entre o moderno e o arcaico, a partir disto a constituição de sua literatura demonstra ambigüidades existente além do texto, que também estão presentes na sociedade vivenciada no momento, porém a nossa idéia não é fazer uma relação direta entre obra e sociedade, ou seja, afirmar que a primeira depende da segunda para se consolidar como tal, mas sim percebermos que a obra, por mais que seja histórica, cria também uma realidade própria, portanto, como seria esta realidade criada por Lobato?

O futuro no Sítio do Picapau Amarelo:

As personagens infantis de Monteiro Lobato, Emília, Narizinho e Pedrinho, aparecem na narrativa como “idealizadores” de um projeto de modernização/modernidade, rompem com o modelo tradicional de infância, pautado na moral, na religiosidade e na dependência em relação ao adulto. Narizinho e Pedrinho são os netos de Dona Benta, a primeira não possui um modelo de família tradicionalmente burguesa, seus pais não são mencionados, Pedrinho não mora no sítio, apenas passa as férias escolares, somente o nome de sua mãe é citado. Emília é a boneca que se tornou ser humano através das “pílulas falantes” oferecidas pelo Doutor Caramujo, médico do Reino das Águas Claras. Foi confeccionada por Tia Nastácia com os restos de tecidos dos vestidos de Dona Benta e de Narizinho, seu o corpo foi completado com macela. Portanto, “nasce”, ganha vida através das mãos de Tia Nastácia, porém só começa a falar depois de ter passado pelo crivo da “ciência”, por meio das pílulas do Doutor Caramujo.

Estas três personagens citadas acima, como veremos, são as responsáveis pelas críticas aos aspectos considerados por elas como atrasados, tradicionais e que por interromperem o desenvolvimento econômico da nação, precisam ser superados, para tanto, a proposta destes “agentes futuros”, seria a implementação de condutas racionais por parte da livre iniciativa, uma vez que o poder público, na narrativa se mostra burocrático e atrasado em relação a outras nações desenvolvidas economicamente, socialmente e politicamente. Pela fala de Pedrinho podemos perceber esta tomada de iniciativa por parte dos habitantes do Sítio em modernizar nossa economia:

- Bolas! Todos os dias os jornais falam de petróleo e nada de petróleo aparecer. Estou vendo que se nós aqui no sítio não resolvermos o problema, o Brasil ficará toda a vida sem petróleo. Com um sábio da marca de Visconde para nos guiar, com as idéias de Emília e com a força bruta como a de Quindim, é bem provável que possamos abrir no pasto um formidável poço de petróleo. Por que não? (LOBATO, 1950, p. 02).

Além das crianças e de Emília, também o Sabugo de Milho Visconde pode ser visto como uma alusão a uma “sociedade futura”, a ser consolidar sob as bases racionais. Assim como a boneca de Narizinho, Visconde também fora confeccionado por Tia Nastácia, trata-se de uma espiga de milho que veste casaca e cartola, indumentária nobre e que também está associada a um título nobili-

árquico, é um Visconde. Entretanto, como diferencial da nossa elite tradicional, é um sábio de ação, sua ciência visa sempre a um fim prático industrial.

Aqui percebemos uma das ambigüidades presentes no interior do texto lobatiano, ambivalências que fazem parte das contradições entre passado e futuro na obra do autor. Visconde, o agente do progresso não é um ser humano, é uma espiga de milho costurada por Tia Nastácia, e para ser digno da simpatia de seus pequenos leitores do momento, é uma personagem associada ao passado, aos títulos da nobreza, porém, não age de acordo com as condutas do passado, atua no espaço destinado ao futuro, pede algo a ser constituído e consolidado. É ele o responsável pela abertura das refinarias de petróleo nas terras de Dona Benta, foi o sábio Visconde quem deu o primeiro passo rumo ao progresso científico e tecnológico da nação, ao ensinar às crianças lições sobre Geologia.

Deste modo, notamos que apesar de Visconde atuar na consolidação daquilo que é novo e moderno, foi confeccionado por Tia Nastácia, “a negra de estimação” da família, que não desenhara um boneco à sua imagem e semelhança, mas sim de acordo com aquilo que era nobre e atrasado, características criticadas por Dona Benta, Narizinho e Pedrinho, que se consideravam evoluídas em relação à nobreza rural, esta censurada a todo o tempo nos diálogos por ser portadora de um pensamento pautado na lógica do favor.

Em relação aos intelectuais advindos desta camada, na visão destas personagens, priorizavam um “lugar” nas cadeiras públicas, cujo único trabalho realizado eram os discursos vagos e sem respaldo com a realidade vigente da época. Novamente a fala do menino atesta esta crítica: “É fazendo que o homem aprende, não é lendo, nem ouvido discursos. Eu quero ciência aplicada...” (LOBATO, 1950, p. 72).

Tia Nastácia, cujo papel atribuído a ela era de ignorante, analfabeta, “sem cultura” e descendente de escravos, tinha como referencial apenas esta alta cultura, ligada ao poder dos proprietários rurais, pois na condição de criada que sempre vivera, não tinha como criticar aquela camada que sempre tivera o poder de mando, inclusive de ordenar suas condutas e ações. O consenso da época era que apenas a alta elite era sábia e letrada, mesmo que esta sabedoria e este letramento não fossem eficazes para modificar a condição de atraso econômico da nação brasileira. Mesmo a narrativa lobatiana, por mais que tende traçar um percurso contrário, não consegue romper com este consenso, apesar de criticar a ineficiência da elite brasileira, coloca-se a figura de um sábio que se veste como Visconde, que configura um intelectual prático, um homem de ação e com ímpeto de mudanças, mas ao mesmo tempo, era membro desta alta elite, trajava-se como tal, no entanto, agia de modo diferenciado, buscando um futuro, mas continuava acreditando na idéia de que apenas a elite era sábia e capacitada.

A partir deste aspecto, podemos perceber que a narrativa de Lobato se situava entre a velha ordem monárquica, escravista e um novo tempo almejado, e este novo tempo não consegue fugir de todas as amarras do passado. Apenas a elite continua com o poder de liderança, assim como o saber, que também continua pertencendo a ela. Ao povo, como vimos de acordo com a participação de Tia Nastácia, restava a admiração, a referencia de superioridade e a obediência em relação alta elite rural ilustrada.

Diferentemente de Visconde, a atuação da boneca Emília nos conduz a um tipo diferenciado de interpretação, pois a boneca de pano não possui nenhuma conexão com a realidade imediata, seus trajes não são nobres e muito menos possui título nobiliárquico, ao contrário, seu maior desejo é se casar por interesse para conseguir um título nobre, notamos que aqui também a posição o prestígio social advindo com os títulos, fazem importância para a boneca, que se casa enganada com o porco Rabicó que mentiu ter o título de Marquês. Ao descobrir a verdadeira identidade do porco, que não transcendia este estado, a boneca se divorcia adiantando a condição de mulher independente e divorciada, aspecto que só fora possível no Brasil quase cinquenta anos depois do momento em que Lobato escreveu este livro.

Emília rompe com a categoria de mulher romântica, que se casa única e exclusivamente por amor, adentra a norma burguesa de mulher independente, que está acima de tudo e de todos por ser uma boneca, não é real, mesmo falando e raciocinando como tal. É ela a responsável pelos diversos “faz-de-conta” acionados para concretização do projeto de refinaria sugerido por Pedrinho. Percebemos que as “crianças reais” estão apenas capacitadas para darem opiniões e sugerirem novidades, mas quem é capaz de realizar estas utopias na ficção, são somente as personagens mágicas Emília e Visconde.

Talvez pudéssemos intuir que a participação de Emília, como independente desde a infância, sugerisse uma ruptura com o pensamento patriarcal em relação à infância. De acordo com o estudo de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*, em relação às amas-de-leite – escravas negras responsáveis pelos cuidados e formação das crianças até atingirem idade adulta –, o autor relata que elas apareciam na posição de primeiras educadoras das crianças, que perdiam a “utilidade” após estas se tornarem adultas. Tia Nastácia, a “verdadeira mãe” da boneca, já não faz mais seu papel de protetora, Emília é independente a partir do momento em que começa a falar, o que sugere um abandono à forma tradicional de infância, tanto que passa a negar a cultura de Tia Nastácia, esta que é muitas vezes agredida pela boneca, e classificada como “negra beicuda, ignorante e filha do diabo”.

Portanto, o futuro protagonizado no sítio através da participação da boneca, sugere o fim da função atribuída às escravas domésticas, neste caso em específico, por Tia Nastácia aparecer sob a representação de um passado tradicional tem suas características físicas e cognitivas rechaçadas e ridicularizadas pela boneca.

Diferentemente de Narizinho, que recebe da avó os mesmos conhecimentos científicos que o primo Pedrinho também recebe, e que também é habilitada para opinar sobre os problemas da nação, a menina é ao mesmo tempo educada para fazer bolinhos, cuidar da casa, e ao contrário de Emília só se casa por amor com o príncipe do Reino das Águas Claras. Portanto, uma mulher independente, que escolhe seu companheiro de acordo com interesses particulares, que consegue concretizar pela mágica diversos aspectos impossíveis para o período, são características pertencentes somente à mulher na condição de boneca, portanto, não pode existir na realidade, o que sugere que este futuro constituído por Emília é fictício, e nem na narrativa pode atinge ares de realidade.

As crianças, os “pequenos heróis” lobatianos, apesar das ambigüidades que as suas ações possam sugerir, são responsáveis, por uma nova conduta humana, num contexto onde a prioridade até então era a integração social, numa estrutura agrária e tradicional, onde se preponderava uma economia frágil, com uma industrialização incipiente e com uma agricultura falida, cujos anos dedicados à plantação de um único produto, o café, foi responsável pela falência da fertilidade do solo em diversas zonas de plantação, devido à falta de racionalidade no cultivo da planta, que depois de esgotada sua produção em determinados espaços, os fazendeiros migravam a produção para outras áreas, deixando apenas nas áreas falidas o ar decadente.

Pedrinho, Narizinho, Emília e o Sabugo de Milho Visconde são os responsáveis pelo abalo desta estrutura, são elas que conseguem retirar da terra as suas verdadeiras riquezas: os seus recursos naturais, no caso o petróleo. A tentativa das crianças é um empreendimento fundamentado em formas capitalistas de produção, que segundo Visconde seria a única forma econômica eficaz para acabar com a miséria, pobreza e ignorância do povo brasileiro. Nas palavras do “Sabugo científico”:

- Bobagem. Uma nova forma de governo. Seja qual for, não passa duma nova distribuição das coisas existentes. Mas as coisas existentes são escassas demais. Nada adianta tirar o prato de feijão de A para dá-lo a B; pois B que estava morrendo de fome, enche a barriga, mas A, que estava com a barriga cheia, começa a passar fome. Para o país é indiferente que A ou B seja condenado a passar fome. O que o país precisa é que nem A nem B passem fome – e o meio, portanto, não é mudar a forma de governo: *é aumentar a comida da gamela*, de modo que A e B possam

encher a barriga. É aumentar a riqueza – coisa que só conseguiremos aumentando a eficiência do homem por meio do ferro, matéria prima da máquina, e do petróleo, matéria prima da melhor energia que move a máquina (LOBATO, 1950, p. 69).

Para conseguirem atingir este objetivo, investem através do “faz-de-conta” em tecnologias importadas, especialistas de diversos países em petróleo, principalmente os norte-americanos, considerados os melhores empresários do ramo. Importam máquinas, equipamentos, aviões, operários racionalizados, etc. O que sugere que o Brasil deste momento era frágil, tínhamos o dinheiro, mesmo sendo conquistado através do “faz-de-conta” de Emília, mas não tínhamos operários especializados, que trabalhassem na lógica racional de produção, os trabalhadores que tínhamos disponíveis eram os “Jecas Tatus”, que em anos antes, início da década de 10 do século XX, fora classificado por Lobato como ineficiente, vadio e doente, portanto não era apto para o trabalho dentro da fábrica. Esta figura aparece na literatura infantil representada por Chico Pirambóia, que somente depois de receber uma educação fordista, passou a ser produtivo, educado e saudável, podendo deste modo ser “aproveitado” e incorporado à nação em desenvolvimento.

Percebemos que Lobato escreve num tempo em que a imigração era considerada a chave para o desenvolvimento da mão de obra qualificada no país, no caso do sítio, o Brasil tinha o dinheiro, portanto o poder de comando, mas não tinha especialistas na indústria e nem equipamentos modernos de produção, sugerindo assim que os brasileiros nos futuro poderiam encabeçar os grupo de países mais desenvolvidos do mundo.

Depois das inúmeras mudanças ocorridas na Vila do Tucano Amarelo, as “crianças modelos” não deixam de lado compromisso social, como prometeram em várias passagens, constroem escolas, hospitais, casas para os operários, com fogão, geladeira, cama, etc, destruindo assim as moradias de taperas e “sem conforto nenhum”. Agora os operários eram homens incluídos na lógica racional de produção, higienizados e educados para a produção, deixaram para trás as características anteriores, como a falta de hábitos de higiene, racionalidade produtiva e ociosidade.

Desta forma, notamos que as aplicações do “faz-de-conta” feitas por Emília, com o aval de todos, podem ser vistas como solucionadoras das impossibilidades estruturais da nação, as impossibilidades não existem na narrativa, quando algo se mostra impossível pelas vias racionais e reais, a mágica aparece como estratégia única de ação. Somente por meio desta faceta os dilemas postos pelas crianças são resolvidos, e conseguimos finalmente adentrar parcialmente na ordem moderna e racionalizada do mundo.

As atitudes indiscriminadas da boneca Emília, que só são possíveis devido a sua independência a qualquer vínculo familiar e afetivo, são atos que fazem com que esta personagem adquira um caráter de visionária, seus atos não são mais espontâneos, nada mais ocorre por acaso, e as questões postas por sua atuação já não são mais respondidas de forma corriqueira. Seus modos estão ligados a uma racionalidade, forma de pensamento que Lobato tanto priorizou e apontou como superação para o atraso mental brasileiro. Portanto, apesar de Emília não poder ser afirmada categoricamente como uma heroína romântica, uma vez que o contexto em que foi composta por Lobato a história brasileira não havia completado uma modernidade passível de cindir alma e mundo, ela pode ser um emblema da tentativa da narrativa em atribuir uma modernização na forma de pensamento de então.

Passado e presente no Sítio do Picapau Amarelo:

Como representantes do tempo presente, que muitas vezes remete ao passado, no Sítio, estão os adultos, Dona Benta, proprietária e avó das crianças, Tia Nastácia, descendente de escravos e criada da casa, Tio Barnabé, também descendente de escravos que realiza o trabalho externo do sítio, e o Coronel Teodorico, compadre e vizinho de Dona Benta, dono de uma fazenda.

Dona Benta, apesar de se situar na temporalidade da obra que demonstra respaldo no tempo recorrente em que o Brasil passava na década de 30 do século passado, é a responsável pelo pensamento “progressista” das crianças, pois é ela que com seus “serões científicos” esclarece de forma irreverente sobre os problemas nacionais que impediam nossa modernização: como a falta de industrialização, de exploração dos nossos recursos naturais (petróleo e ferro), e também ensina que as crianças devem priorizar um pensamento científico. Mas o que impede sua entrada na temporalidade futura é o fato de manter como modelo organizacional de sua propriedade um matriarcado, que segue as formas tradicionais de relações sociais, como por exemplo, a manutenção de empregados negros que trabalham de acordo com a lógica do favor, não de acordo com as leis capitalistas racionais/impessoais. Tia Nastácia e Tio Barnabé não recebem salários em troca dos serviços trocados, mas sim favores como alimentação, abrigo, proteção, etc.

Portanto, estas duas personagens também são mantidas em tempo presente, ou se quisermos radicalizar a leitura sobre a participação dos negros, estes não saíram do passado escravista, pois permanecem excluídos da modernização dos costumes.

Quanto ao Coronel Teodorico, vizinho e compadre de Dona Benta, pode ser lido em oposição à “Boa Senhora”, pois enquanto a comadre investe em técnicas modernas de produção, faz uso dos conhecimentos da zootécnica em seus criadouros de porcos, oferece uma educação científica para seus netos, o coronel continua empregando seu poder de mando, o que sufoca a livre-iniciativa, não investe em sua fazenda, no sentido de modernizá-la, seu pensamento é arcaico e exclusivamente agrário. Esta é a figura representante da ignorância da elite cafeeira, herdeira de nosso passado colonial, que Lobato tanto criticou em seus livros para o público adulto.

A “batalha” travada na ficção de Lobato, concretizada pelas crianças, cujo objetivo era vencer nosso atraso técnico, e oferecer maiores subsídios a uma indústria nascente e ineficaz, demonstrou por um lado, uma tentativa de inserção à modernidade internacional, o industrialismo aqui, aparece de forma quase “espiritual”, o que não dava bases para encará-lo como opressor, pois tinha uma face humana que era capaz de “sanar” os males da nação e oferecer “cara nova” a este país massacrado pelo pensamento arcaico, emblema disto seria o pensamento do Coronel Teodorico.

Por outro lado, notamos que este desejo enorme de “caminhar para frente”, que as “personagens futuras” possuem, se esbarra em determinados pontos que impedem a realização da crise do sujeito em relação ao mundo, digamos que na obra, as características que poderíamos denominar como arcaicas em relação a esta nova temporalidade, não são superadas. A cisão é colocada apenas na forma de tentativa de organizar de forma harmônica um país fundamentado no capitalismo, que de acordo com o viés filosófico não pode ser harmônico, sim contraditório.

Exemplo disso seria a manutenção da paisagem local, de um sítio como cenário das obras, as personagens não vão para uma cidade, e nem a Vila do Tucano Amarelo se transforma em uma grande metrópole. Dona Benta diz a neta – que pretendia com o lucro das refinarias de petróleo construir um palácio – que nunca sairia de sua “casinha” sempre tão aconchegante e acolhedora, além disso, a mesma Dona Benta que apoiara as atitudes dos netos, com pensamento progressista, sempre voltado para aquilo que é científico, temia guardar seu dinheiro num banco, que era abarrotado no quarto de hóspedes, apesar de momento antes ter aconselhado Chico Pirambóia a não andar por aí portando cédulas de dinheiro vivo, pois com a chegada da modernidade na Vila, os assaltos tinham se tornado prática freqüente:

Com o passar dos meses o dinheiro foi se juntando de tal maneira que Dona Benta chegou a ficar apreensiva. Apesar do conselho dado ao Chico Pirambóia, de depositar o dinheiro no banco, dona Benta guardava o seu em casa.

- Como é isso, vovó? Observou Pedrinho. Para o Chico Pirambóia a senhora disse uma coisa e agora faz outra? Parece a história do frade: “Faça o que eu mando e não faça o que eu faço...”

- Explica-se, meu filho, respondeu dona Benta. O hábito de guardar dinheiro em banco tem sua razão de ser como garantia do dinheiro contra os assaltos e para as facilidades de pagamento com cheques, etc. Mas aqui em nosso sítio tudo é diferente, como você não ignora. Medo de assalto não temos, porque a casa está sempre guardada pelo nosso tanque de carne...

- O Quindim... (LOBATO, 1950, p. 210).

Por meio desta citação podemos perceber que apenas a elite poderia dizer o que fazer, porém não precisava concretizar aquilo que pregava, além disso, Dona Benta e os netos tinham proteção em casa, já Chico Pirambóia ainda era frágil, tanto que sem a proteção e sem o prestígio social de Dona Benta, fora assaltado e todo o seu lucro da venda de suas terras foi roubado. Dona Benta também pode ter optado por deixar seu dinheiro em casa por temer a incompetência dos bancos, que ainda carregavam resquícios do país arcaico.

Outra atitude ambígua de Dona Benta foi o fato de ter apoiado a contratação de operários importados de diversos países, de máquinas e equipamentos, através das mágicas feitas por Emília com as inúmeras aplicações do pó de pirlimpimpim, mas contraditoriamente manteve no interior de sua casa Tia Nastácia, trabalhando sob a mesma lógica do favor, porém agora ela tinha fogão a gás e geladeira, ou seja, uma cozinha “super-equipada”, mas as relações trabalhistas não se modernizaram.

Dona Benta temia que tanto dinheiro acabasse em desgraça, por isso afirma que “o acertado é não mudarmos o nosso modo de viver. Se somos felizes, que mais queremos?”.

Portanto, a crise do sujeito da qual falávamos acima, em Lukács, não se realiza na obra de Lobato, de certo modo há uma tentativa de permanência na “cultura fechada”, mas esta permanência não é total, pois existe a indústria, o progresso técnico, a saúde do povo, etc., contudo, também existe o sítio, a roça, o trabalho braçal etc. Existe um acomodamento destas duas formas de vida, o que nos oferece base para pensar que a obra de Lobato comporta uma ambigüidade a todo o momento. A narrativa do autor parece priorizar o melhor do moderno – as máquinas, o desenvolvimento racional do trabalhador, a independência infantil, a livre iniciativa, a ciência, enfim o capitalismo desenvolvido da forma mais avançada possível – e o melhor do arcaico – a casinha, o romantismo do campo, o sossego e a integração social entre as pessoas, portanto, as contradições, os conflitos que poderiam vir à tona, não são solucionados, mas sim acomodados, de modo que o sujeito continue com lugar estável no mundo.

Porém, uma mudança é imprescindível, a terra e sua superfície, o solo agrário, já não possui mais valor nenhum, sim seu subsolo, onde o Sítio/Brasil até então havia escondido a sua verdadeira riqueza, o petróleo. O que realmente permanece agrário, rural, é o sentimento de se sentir em casa, num território seguro e fixo, para tanto, alguns hábitos devem ser mantidos para oferecer ares de paisagem local. Moderniza-se a economia, a educação, as formas de trabalho, a agricultura, mas o homem não rompe totalmente com o mundo que lhe é imediato.

Percebemos assim, depois da descrição das principais personagens da obra, que existe inicialmente uma forma “cindida” entre presente e futuro, o futuro aqui compreendido como uma espécie de utopia, que revela o desejo do autor em ultrapassar aquilo que o incomodava, mas que não ganha corpo, concretude na época em que a obra foi escrita. Este seria o aspecto em que a imaginação criativa da obra fala mais alto, pois não representa apenas a realidade nacional, mas sim cria uma nova realidade. Neste sentido Lukács afirma:

A arte, a realidade visionária do mundo que nos é adequado, tornou-se assim independente: ela não é mais uma cópia, pois todos os modelos desapareceram; é uma totalidade criada, pois a unidade natural das esferas metafísicas foi rompida para sempre (LUKÁCS, 2003, p. 34).

O anseio lobatiano não era exatamente este, uma cisão entre alma e mundo, mas mesmo assim sua literatura pode ser compreendida como uma crítica àquilo que na sua concepção de homem questionador do seu tempo, era atrasado e antimoderno, porém não podemos deixar de enfatizar que o fato de questionar inúmeras questões, não apagou totalmente posições que hoje podemos ser considerar conservadoras.

A sua tentativa desesperada de criticar a economia brasileira vigente na época, o apego às formas tradicionais de pensamento do povo, etc, oferece relevância para a sua literatura ser considerada parte de um esforço construtivo de uma modernidade nacional. O conceito-chave de sua obra – eficiência – para ele era inexistente no Brasil, por isso, quando viveu por quatro anos nos Estados Unidos, como adido comercial, viu neste país o modelo capitalista organizado da forma como ele sempre encarou como perfeita. Em correspondência trocada com Godofredo Rangel, Lobato afirma:

[...] sou um peixe que esteve fora d'água desde 1882, quando nasci, e só cai nela. Isto aqui é o mar de peixe Lobato. Tudo como quero, como sempre sonhei. E a pátria me custeia 700 dólares por mês. Hei de devolver este dinheiro com juros fabulosos. Meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo para o Brasil (LOBATO, 1948, p. 89).

Longe deste “capitalismo eficiente”, se localizava o Brasil, mas como tentativa fracassada de oferecer ferro e petróleo para o território nacional, o cidadão Lobato se envolveu em diversas campanhas, adquiriu ações de Companhias de Petróleo, onde investiu parte de seu capital pessoal, se envolveu em discussões públicas com políticos, ministros, com o Presidente da época, Getúlio Vargas, e acabou preso.

Entretanto, o escritor Lobato realizou seu desejo de um capitalismo eficiente em sua literatura infantil. Os netos de Dona Benta, sob o aval desta, “resolveram o problema da nação”. Pedrinho, o “homem” de negócios, com estilo norte-americano, com a ajuda da prima Narizinho, a boneca Emília e o Sabugo de Milho, transformam o sítio na refinaria de Petróleo mais desenvolvida tecnologicamente, capacitada para exportar para o mundo inteiro.

Esta mudança do plano econômico, também modifica o “semblante do povo brasileiro”, que antes era doente, pobre, desnutrido e analfabeto, mas com a exploração devida dos recursos naturais, passara a ser alfabetizado, com saúde e trabalhar sobre a lógica racional de produção. Portanto, esta opinião vigente na época, do povo doente e incapaz também não é superada na obra de Lobato, pois a elite deve estar sempre à frente dos negócios e empreender as mudanças sociais e econômicas.

O sítio erigido após a exploração do petróleo ganhou ares de cidade grande, podendo ser comparado, no que diz respeito às técnicas de produção, às cidades norte-americanas. Também no plano cultural, ocorreram mudanças, como o cinema, o teatro e as casas de jogos etc. Para alguns, as transformações eram sinal de progresso e desenvolvimento, já para outros, significava o fim do sossego que possuíam antes das mudanças.

Estes aspectos do texto lobatiano, esta “disjuntiva” entre obra e sociedade enfocada, dependeu do momento histórico em que o autor estava vivendo nos anos 30. A modernidade era algo esperado e aclamado por nossos pensadores sociais, mas qual o tipo de modernidade? Aquela que chega e apaga os rastros que qualquer passado ou tradição, ou aquela que tenta oferecer um sentimento de nacionalidade/comunidade ao povo?

A obra de Lobato nos oferece pistas para respondermos estas questões de fundo histórico/social, pois demonstrou as inquietações e anseios de um homem que tentou atribuir um sentido coeso aos nossos problemas a fim de construir uma literatura pedagógica aos seus pequenos leitores. Entretanto, o sentido coeso, unívoco não existia na realidade nacional, o que resultou numa forma estética ambígua, e lembrando Lukács, toda forma advém de uma dissonância, de algo que não é exato, portanto que depende do momento histórico em que surge.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo, uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. São Paulo: Graal, 2004.
- EAGLETON, Terry. *Literatura e Marxismo*. Porto: Edições Afrontamento, 1976.
- LAJOLO, Marisa. *A modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
- LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre* 2º Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do romance*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ⁱ **Elisângela da Silva SANTOS, Mestranda**

Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília-SP (UNESP-FFC), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). **Orientadora:** Doutora Célia Aparecida Ferreira Tolentino (Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC – Marília). E-mail: licass20@yahoo.com.br